



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

de Andrade Coelho Filho, Carlos Alberto
O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro
Movimento, vol. VI, núm. 12, 2000, pp. 14-24
Escola de Educação Física
Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115318167003>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro

Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho*

Com efeito, a explosão publicitária acelerou bruscamente, entre a população, a adoção de práticas físicas preconizadas por médicos e moralistas burgueses, em alguns casos desde o começo do século.

Resumo

Este estudo insere-se na linha de pesquisa sobre Representações Sociais dos atores da educação física. Tem por objeto de análise o significado do discurso de profissionais de ginástica em grandes academias na Cidade do Rio de Janeiro sobre o seu processo de trabalho e sobre as representações que o acompanham. O referencial teórico provém da "análise do discurso", de linha francesa, de motivação interdisciplinar, com base em Bakhtin, Foucault, Pêcheux e Maingueneau.

Quando busco compreender a gênese das academias de ginástica, a posição histórica responde que elas receberam influências substanciais de duas aproximações sociológicas.

De um lado, as mudanças ocorridas na vida privada com a emancipação - relativa - da mulher, antes confinada ao trabalho exclusivamente doméstico em consequência direta da diferenciação entre os corpos masculino e feminino, uma diferença não simplesmente biológica, mas constituída através da tradicional subordinação das mulheres aos homens devido às gestações sem fim, na época anterior à contracepção efetiva, algemando-as às crianças e à vida doméstica. Ao longo do último século a mulher passou a atuar também na esfera pública, com o advento da gravidez segura e do controle sobre sua própria fertilidade, pavimentando o caminho para a família moderna, e até para a sociedade pós-família (Porter, 1992).

De outro lado, e ao mesmo tempo, ocor-

Abstract

This study belongs to the line of research on the Social Representation of the physical education' actors. It has for analysis object the meaning of the gymnastics professionals' speech in great academies in the City of Rio de Janeiro on its work process and about the representations that accompany it. The theoretical reference comes from the "analysis of the speech", of French background, of interdiscipline motivation, based on Bakhtin, Foucault, Pêcheux and Maingueneau.

rem mudanças na vida pessoal com a revolução cultural do tempo livre, que proporcionou ao indivíduo, através das atividades de lazer, novas práticas do corpo (Dumazedier, 1994).

Para Prost (1992: 95-99), não existe melhor manifestação dessa nova concepção de vida pessoal do que o moderno culto do corpo.

No começo do século, o estatuto do corpo dependia em larga medida do meio social. Os trabalhadores valorizavam em seus corpos o servo robusto e fiel à labuta. A burguesia mantinha uma atitude mais estética: como a vida de representação era mais desenvolvida, a aparência física contava mais. No entanto, as roupas escondiam e aprisionavam o corpo.

Para a burguesia masculina, a liberação do corpo, visualizada na relação entre o físico e as roupas, por exemplo, ainda é modesta por volta de 1920. Ela se dá com o recuo dos colarinhos duros e dos chapéus rígidos e o avanço dos

colarinhos flexíveis e os feltros moles. A sobrecasaca cede lugar ao jaquetão e se torna traje de cerimônia. Para as mulheres, em contraposição, a evolução é bastante sensível. Os corpetes e as cintas cedem espaço às *calcinhas* e sutiãs. As roupas se encurtam e as meias valorizam as pernas. Os tecidos mais macios revelam discretamente as linhas do corpo.

Por trás dessas transformações, surge e se legitima um nova preocupação para as mulheres. As revistas femininas - notadamente *Marie-Claire*, lançada na França em 1937 - insistem em que as mulheres, se quiserem conservar os maridos, devem se manter atraentes. Os cuidados com a beleza, a maquilagem, o batom, já não são apanágio das mulheres fáceis: agora são maneiras honestas de valorizar os próprios encantos.

Com efeito, a explosão publicitária acelerou bruscamente, entre a população, a adoção de práticas físicas preconizadas por médicos e moralistas burgueses, em alguns casos desde o começo do século. Para vender xampus, para lançar perfumes, desodorantes, cremes, filtros solares, uma firma como a L'Oreal, em 1937, sustentou um esforço publicitário maciço. Assim, os comerciantes contribuíram mais do que os higienistas para difundir novos hábitos do corpo.

A aparência física passa a depender mais do próprio corpo e, por isso, é preciso cuidar dele. As revistas femininas alertam suas leitoras sobre este ponto, ganhando uma nova seção, a ginástica diária. Portanto, constata-se que antes de 1940 a ginástica já passa a fazer parte dos preceitos das revistas femininas.

Com o desenvolvimento das técnicas de comunicação de massa, a produção cultural deixa de atingir um nível local e passa a abranger um mercado consumidor muito maior. Esses conteúdos, que devem sensibilizar grandes massas de pessoas de diferentes culturas, ficam assim internacionalizados. Toda essa situação pode ser verificada nas academias de ginástica desde o seu *boom*, nas principais cidades brasileiras, a partir da década de 70.

Antecedendo a essa proliferação de academias de ginástica, vale notar o trabalho realizado pelo rádio, de 1932 a 1983, por Oswaldo Diniz Magalhães. Transmitindo ininterruptamente o programa "Hora da Ginástica", contribuiu para a difusão da ginástica/educação física em todo o território nacional. Magalhães concluiu o curso de professor de educação física do Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços sul-americanos (ACMs), em Montevideu, 1927. Após regressar ao Brasil, constatou o baixo nível da saúde de nossa gente, a pouca aplicação das atividades físicas e os precários recursos técnico-pedagógicos da difusão educativa. Assim, escolheu o meio de comunicação mais poderoso da época, o rádio, pelo seu poder de estar em toda parte ao mesmo tempo, vencendo imensas distâncias. Segundo depoimento do próprio professor: "teria que fazer de cada lar um ginásio e de cada família uma turma de rádio-ginastas, beneficiando milhares de alunos diariamente em suas próprias residências. Não foi fácil, ninguém acreditava na idéia. Além de existirem poucas emissoras na época, a receptividade da educação física não era das melhores. Custou-me desilusões e amarguras, mas tive muita vontade. (...) A luz vermelha do estúdio acendeu e então começamos, o pianista e eu. Foi em São Paulo, em 16/05/32, na rádio-educadora paulista" (in Carvalho, 1994: 30). Posteriormente, passou a transmitir o programa pela Rádio Ministério da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro.

Na televisão, a professora Yara Vaz foi a pioneira. Ela começou a estrelar um programa de ginástica rítmica em 1952 na TV Tupi, passou pela TV Rio e pela TV Educativa. O seu programa era repetido em todas as emissoras, por força de um decreto que as obrigava a ter uma atração educativa. Atualmente, aos 80 anos de idade, continua a dar aulas de ginástica três vezes por semana. Vaz orgulha-se de seguir um método próprio em sua academia, que funciona há 48 anos no Rio de Janeiro.¹

Todo esse movimento de incentivo à prática da ginástica e, através desta, de fortalecimento da educação física enquanto agente educacional, encontra respaldo no trabalho de Pas-

Até o final dos anos 80, a ação do profissional de ginástica em academia seguia um referencial estipulado por um discurso técnico da educação física, com suportes biológicos, visualizados nos textos de fisiologia do exercício, biomecânica e metodologia do treinamento desportivo.

**ginástica em
academia é
urna
realidade
empírica, que
não tem o
mesmo sentido
para todas as
pessoas.**

tora de Araújo (1977), que fala: "É inegável que as academias também integram o sistema educacional. O valor educativo das atividades físicas é, hoje, reconhecido, porque empenha o ser na sua totalidade".

Houve difusão sistemática da idéia, e sua aceitação por muitos, o que progressivamente transformou as atividades corporais, e especificamente a ginástica em academia, em objeto de consumo com fins lucrativos. As academias de educação física e desportos (ib.) transformaram-se em supermercados.² O lazer de hoje estaria, portanto, nos termos de Dumazedier (1994), muitas vezes reduzido a um novo campo de consumo.

Se existe um setor que não está preocupado em "cortar gorduras" é a indústria da beleza. Nos últimos dois anos, só no Rio de Janeiro, as maiores academias de ginástica investiram milhões em reformas e inaugurações. O número de inscritos nas convenções de *fitness* cresceu 2000% em oito anos.³

Até o final dos anos 80, a ação do profissional de ginástica em academia seguia um referencial estipulado por um discurso técnico da educação física, com suportes biológicos, visualizados nos textos de fisiologia do exercício, biomecânica e metodologia do treinamento desportivo. A partir de então, passou a sofrer influência das mudanças ocorridas nas ciências, inclusive com os primeiros indícios de uma sociologia do gosto.

O pluralismo de ofertas de atividades nas academias, na segunda metade da década de 80, incluía musculação, jazz, balé, *yoga*, lutas e iniciação à natação.⁴ A tendência era oferecer apenas uma modalidade de ginástica (salvo a ginástica corretiva), comumente denominada ginástica estética, ginástica de academia, ou, numa denominação mais circulante no meio profissional, ginástica total. Nessa modalidade de ginástica os componentes aeróbio, de resistência muscular localizada, de flexibilidade e relaxamento predominavam dentre as diversas qualidades físicas trabalhadas na mesma aula. A ação deste profissional caracterizava-se por uma re-

lação próxima, de trocas, na perspectiva de atender aos alunos nas suas necessidades práticas de atividades corporais.

Algumas academias, com práticas exclusivamente femininas, utilizavam-se de ginástica rítmica.⁵ Outras falavam em ginástica aeróbica. O movimento norte-americano da *aerobic* (ou *aerobic dancing*) influenciou, desde a primeira metade da década de 80, a prática dos profissionais de ginástica no Rio de Janeiro.

Os proprietários das academias, em geral, eram profissionais da área e atuavam como professores nas suas instituições. Com a expansão das academias como negócio no final dos anos 80 e início da década de 90 - com o "mundo do *fitness*"⁶ - profissionais da área da administração também se voltaram para o setor, dando início a grandes empreendimentos. Nesses empreendimentos, caracterizados pelo consumo de bens e serviços cada vez mais diversificados, os proprietários/investidores passaram a compor uma maior quantidade de ofertas aos alunos, com a diversificação e a padronização das aulas de ginástica em diferentes modalidades, com o objetivo de abrir um leque de possibilidades com vistas a satisfazer os gostos da demanda.

Em consequência desse movimento surgiram profissionais com atuação específica em aerolodum, aerobrasil, *aerofunk*, lambaeróbica, *step*, *step* local, localizada e alongamento, entre outros. Entretanto, essa diversificação e essa padronização podem estar favorecendo uma maior rotatividade, tanto de alunos quanto de profissionais. Vejo nessa maior rotatividade - principalmente nas grandes academias atuais - o estabelecimento de um frágil vínculo entre o aluno e o profissional. A meu ver, esse distanciamento entre profissional e aluno tende a provocar a desconexão entre os pressupostos técnico-pedagógicos do discurso da educação física e o que acontece em algumas academias de ginástica.

Ora, se é verdade que a ampliação do mercado de ginástica promoveu um enfraquecimento na relação entre o profissional e o aluno, também é verdade que essa relação continua a existir de forma diferente.

Percebe-se que ainda é o público, embora de forma muito mais impessoal, que fornece os indicadores do sucesso ou do fracasso do profissional. Deve-se destacar que a questão é de quantidade, e não de qualidade. Assim, um profissional poderá continuar desenvolvendo nas pequenas academias um trabalho singular, com maiores possibilidades criativas e apreciado apenas por um pequeno grupo. O mesmo não acontece nas grandes academias, uma vez que, se a ação não acompanhar o crescimento orientado pela publicidade⁷ e atrair um grande público, elas dificilmente conseguirão se ressarcir dos custos do investimento.

Desse modo, no contexto das academias que acompanham as forças do mercado e produzem bens e serviços de consumo cada vez mais diversificados, entre eles as diferentes modalidades de ginástica, com o objetivo de abrir um leque de possibilidades e satisfazer os gostos da demanda, onde o usuário é autônomo para decidir de qual ou quais atividades corporais vai participar (ou seja, pode até auto-prescrever o seu treinamento), não parece necessário que o profissional de ginástica atue de forma mais próxima, percebendo os significados das necessidades mais pessoais desses usuários.

No entanto, dados de estudos recentes apontam para um outro "real". Eles estão nos mostrando que o estereótipo de corpo atlético é um valor orientador da entrada nas academias de ginástica e que a busca do equilíbrio desse corpo surge como uma síntese dos objetivos declarados por seus usuários, como fator de permanência.⁸ Nesse particular, o profissional de ginástica assume um papel singular para esses usuários⁹, tornando-se um elemento diferenciado, catalisador. Interage com o grupo, contribuindo para estabelecer uma relação que extrapola a convivência profissional, chegando a um relacionamento pessoal onde se estabelecem vínculos de afetividade.

Ao mesmo tempo, o que se tem verificado é um índice de evasão próximo a 70% entre os frequentadores dessas instituições.¹⁰ Parece que as pessoas não estão encontrando o que procuram, apesar da aparente motivação pela busca

da estética corporal e da saúde. Sendo assim, posso inferir que os dados apresentados no parágrafo precedente referem-se aos 30% de praticantes não flutuantes, que encontraram o equilíbrio - que chamaria de *equilíbrio estético* - nas academias que frequentam, em especial, na prática de um profissional de ginástica.

No entanto, há ainda outra direção de leitura da realidade. Frente às novas e variadas opções de engajamento, tanto entre instituições quanto entre práticas, o rodízio também pode se tornar interessante para o usuário, sobretudo do ponto de vista social e de busca da prática "ideal" para o momento vivido (o minuto, a hora, o dia, o mês, o hoje, o amanhã...).

A ginástica em academia é uma realidade empírica, que não tem o mesmo sentido para todas as pessoas. Para os que nela encontram o prazer, a fantasia, o *gozo*, o trabalho desenvolvido nas aulas pode ser de aperfeiçoamento contínuo, visando sempre a uma perspectiva futura: a educação para a sensibilidade, para a tomada de consciência do corpo. Já para os que não a praticam, a ginástica pode remeter tanto a dificuldades quanto a facilidades.

As dificuldades podem encontrar-se, por exemplo, no tempo de inatividade, no medo em se expor, principalmente em ambiente com espelho e no argumento do gosto. As facilidades, por outro lado, manifestam-se no argumento de autoridade, quando algumas pessoas que procuram essa prática, respaldadas em representações *internalizadas*, acham que não precisam ser corrigidas, não necessitam passar por uma adaptação, por uma progressão, por um processo de conscientização. Já outros querem simplesmente se movimentar - mesmo que de forma "errada" -, sem maiores preocupações técnicas. Por sua vez, alguns realmente apresentam uma boa base de conhecimentos, de condicionamento orgânico, de consciência corporal. Certamente os exemplos poderiam se multiplicar, em todos os sentidos. Percebe-se, assim, que a realidade é múltipla, é contraditória, não é monocromática.

Constata-se também que este é um dos segmentos do mercado ainda não regulamentado-

Segundo Moscovici (1978: 41), as representações sociais se cruzam e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano.

Ao se concordar que, dada a natureza social da consciência, não há estudo do individual, admite-se que cada informante desta pesquisa, em sua singularidade, representa um aspecto da comunidade das academias de ginástica do Rio de Janeiro;
...

do pela legislação em suas relações trabalhistas, o que pode provocar um contexto de insegurança para o profissional.

Nos dias de hoje, existem profissionais de ginástica que atuam de forma específica - sobretudo nas grandes academias - e continuam a existir profissionais que atuam na perspectiva da ginástica total - sobretudo nas pequenas e médias academias. Dezoito anos de experiência nas academias me fazem crer que as finalidades educativas - técnico-pedagógicas - e as relações de trabalho que envolvem essas práticas caracterizam alguns dilemas para os profissionais.

OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo do estudo é analisar o discurso sobre o processo de trabalho do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro, isto é, a produção do discurso que acompanha esse trabalho e lhe dá sentido.

Para Bakhtin (1995: 16), o discurso, a enunciação, exprime a consciência, portanto, o pensamento, a "atividade mental". A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, trate-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um "horizonte social". Há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido.

Goffman (1975: 29) usa o termo "representação" para referir-se a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.

Para Lefebvre (1983: 96), o cotidiano no mundo moderno urbano apresenta-se como o império das representações. No cotidiano, cada objeto é acompanhado de representações que mostram qual é o seu papel. A publicidade, os modelos chamados "culturais" introduzem no

cotidiano necessidades que fazem nascer novas representações e, na convergência das representações, o cotidiano se programa. Assim é que as representações ocupam os intervalos, os interstícios entre o sujeito e o objeto, entre a presença e a ausência, entre o vivido e o concebido.

Segundo Moscovici (1978: 41), as representações sociais se cruzam e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos e consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas. As representações sociais correspondem, por um lado, à distância simbólica que entra na elaboração e, por outro, à prática que produz a dita substância, tal como a ciência corresponde a uma prática científica. As representações sociais são específicas de uma cultura e de um momento particular na evolução dessa cultura.

Desta forma, os significados produzidos historicamente pelo grupo social adquirem, no âmbito do indivíduo, um "sentido pessoal", ou seja, a palavra se relaciona com a realidade, com a própria vida e com os motivos de cada indivíduo. As representações, veiculadas pela linguagem, pelo discurso, são mediações entre a atividade e a consciência e se encontram no nível do empírico (são dados empíricos); portanto, são o ponto de partida para a análise da consciência.

Neste estudo, procurei analisar o movimento da consciência dos profissionais de ginástica através das suas representações, articuladas no discurso sobre gênero e a prática que desenvolvem (sobre seu viver diário), sobre suas expectativas, sobre a imagem de si mesmos como profissionais, sobre a ginástica em academia como profissão face ao avanço da idade.

METODOLOGIA

Este estudo é descritivo e exploratório, tem orientação etnográfica (Geertz, 1989; Guimarães, 1990; Votret et alii, 1993; Votret, 1997) e recorre a alguns conceitos da etnometodologia (Garfinkel, 1967; Coulon, 1995a; Coulon, 1995b).

Para Votré et alii (1993: 32), dependendo do grau de familiaridade do pesquisador com o tema de investigação destaca-se mais ou menos o caráter exploratório da mesma. Ao buscar com afincos aprofundar o caráter exploratório do estudo, contribuíram: minha vivência e experiência; e o *status* especial (cristalizado em seus depoimentos) de dois informantes de elite - a professora de educação física Roselee Ribeiro de Assis e o professor de educação física Orlando Cani -, autoridades no meio profissional da ginástica em academia no Rio de Janeiro e no Brasil, bem como na graduação em educação física e na pós-graduação *lato sensu* em ginástica.

Ao se concordar que, dada a natureza social da consciência, não há estudo do individual, admite-se que cada informante desta pesquisa, em sua singularidade, representa um aspecto da comunidade das academias de ginástica do Rio de Janeiro; assim, justifica-se a orientação metodológica de não operar com amostras representativas da população, no sentido estatístico do termo.

A população do estudo é constituída de profissionais de ginástica em academias no município do Rio de Janeiro. A amostra é composta de quatro profissionais que atuam em academias nos bairros de Jacarepaguá, Grajaú e Barra da Tijuca. A escolha proposital da amostra foi motivada pelo conhecimento da trajetória e inserção profissional dos informantes nesse mercado de trabalho, entendendo que podem ser considerados representativos para compreensão da realidade atual das grandes academias de ginástica da cidade.

Soma-se, à amostra, o depoimento dos dois informantes de elite já mencionados anteriormente, profissionais de ginástica e proprietários de pequenas academias nos bairros de Jacarepaguá e Copacabana. As informações prestadas por esses dois informantes serviram para confrontar realidades distintas - de pequenas e de grandes academias - e auxiliar na interpretação do objeto investigado.

Os dados foram coletados a partir da opção por canais de comunicação de interação face

a face, em que foi possível, de alguma forma, compreender, controlar e avaliar as condições de produção do discurso e seus efeitos de sentido. Assim, a primeira opção foi pelo discurso oral captado em entrevista guiada (Votré et alii, 1993). A segunda opção foi pela observação participante (Cicourel, 1990), que permitiu levantar informações relevantes para descrever o cenário profissional dos informantes, bem como o contexto de sua produção discursiva.

Ao privilegiar o discurso de profissionais o estudo das representações fica reduzido, pois não será analisado o discurso de alunos e de administradores.

Entretanto, a voz dos alunos se manifesta no discurso dos informantes: de um lado, pela experiência do profissional no trato com a realidade ou no trato com esse aluno; de outro lado, enquanto os próprios profissionais são praticantes ou ex-praticantes de ginástica em academia.

Já a voz do administrador emerge da experiência prática dos informantes, e do fato de um deles ser proprietário da academia onde trabalha. Os dois informantes de elite também são professores e proprietários.

REFERENCIAL TEÓRICO DA ANÁLISE DOS DADOS

São várias as propostas de análise do discurso ora disponíveis; por isso, faz-se necessário localizar nesse universo de alternativas e disponibilidades a matriz teórica deste estudo. Contudo, é preciso destacar que essa matriz não deve ser entendida como uma doutrina (no sentido de Foucault, 1996: 43), que liga a pesquisa somente a esses enunciados. Eles serviram, sim, como um *norte*, e, ao longo da análise dos dados, ao serem confrontados com a prática social investigada, ligaram-se a outros enunciados.

Como referência inicial utilizei a "análise de conteúdo", ao privilegiar a proposta de análise temática/categorial de Bardin (1977). Na sequência da análise, optei por idéias provenientes dos textos sobre "análise do discurso", com

O tema gênero é característico dos movimentos sociais e das ações coletivas contemporâneas; portanto, foi determinante para a compreensão do objeto desta investigação.

A divisão sexual do trabalho tende hoje a privilegiar o profissional do sexo masculino nas grandes academias de ginástica (principalmente na "ginástica localizada"), e a preservar o equilíbrio entre o emprego feminino e masculino nas pequenas academias.

base em Bakhtin (1995), Foucault (1979 e 1996), Pêcheux (1990 e 1995) e Maingueneau (1993).

As categorias de análise: gênero, idade e imagem, propostas de antemão e presentes no roteiro das entrevistas, foram motivadas pela teoria (da linguagem, das representações, da análise do cotidiano...), bem como pela minha vivência e experiência no trato com esta realidade enquanto professor, empresário e pesquisador.

O tema gênero é característico dos movimentos sociais e das ações coletivas contemporâneas; portanto, foi determinante para a compreensão do objeto desta investigação. Nesta categoria se reflete sobre alguns aspectos que envolvem o caráter relacional e estrutural das relações entre profissionais e praticantes de ginástica homens e mulheres, entre mulheres e mulheres, e entre homens e homens. Assim, o gênero foi pensado enquanto elemento constitutivo de relações fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, como um primeiro modo de dar significado às relações de poder.

O uso analítico do tema permitiu discutir alguns significados socialmente construídos do que é ser homem e ser mulher em uma cultura e num determinado momento histórico. Foi possível examinar aspectos da dinâmica das relações de poder que tornam possíveis as histórias das mulheres e garantem a apreensão do dinamismo e da historicidade que delineiam a construção do gênero. Seja no que toca ao movimento de equalização de gênero no trabalho, seja no que concerne à tese que versa sobre a queda do patriarcado.

A categoria idade colocou em discussão o processo de envelhecimento e o mercado de trabalho: a perspectiva de vida útil do profissional de ginástica; o preconceito que pode ocasionar rejeição; a relação da juventude com o sucesso profissional temporário, bem como algumas alternativas de manutenção e novas formas de inserção/participação.

Na categoria imagem foi possível analisar uma série de aspectos que formam o modelo

social organizado dentro dos limites físicos de uma academia de ginástica. Considerou-se a maneira como o profissional apresenta a si mesmo e a sua prática às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto se verifica seu desempenho diante delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise do discurso dos quatro informantes, conclui-se que:

=> gênero, idade e imagem estão estreitamente correlacionados, no sentido de que são categorias cujas particularidades podem ser pensadas como exclusão no interior do próprio grupo - excluído - profissional;

=> é consensual que, da mesma forma que há restrição contra a mulher profissional de ginástica, também há restrição com o profissional mais velho. O profissional de ginástica, principalmente nas grandes academias, pode prolongar a sua vida útil, mas não muito (a faixa máxima gira por volta dos quarenta anos). A exceção fica por conta daqueles que, à semelhança de alguns atletas e modelos, às custas de controle dos seus processos de envelhecimento, atuam até idade mais avançada;

=> há estreita correlação entre idade, performance e aceitabilidade. Por outro lado, as exigências variam de acordo com o tipo de empreendimento: "expulso" das grandes academias impessoais, o profissional de ginástica pode manter o espaço nas pequenas ou médias, mais *personalizadas* nas relações;

=> a competência, muito valorizada socialmente no mercado das grandes academias de ginástica do Rio de Janeiro é a da *animação*, que talvez supere a competência técnica;

=> experiência e competência não garantem prestígio e estabilidade no mercado das grandes academias de ginástica do Rio de Janeiro, e sim a juventude associada à competência;

=> como o praticante atual apresenta uma base de conhecimentos adquiridos na vivência e nos meios de comunicação, muitas vezes ele quer alcançar metas a curto prazo e modelar o corpo

para o verão. Como a academia é uma prestadora de serviços e agência cultural das idéias de corpo que a *mídia* capta e produz nas mentalidades atuais, o profissional é instado a adaptar-se à demanda;

=> com a ampliação do mercado, os profissionais de ginástica não ganharam benefício em termos salariais. A padronização das aulas é muito grande, o que possibilita ao empresário substituir o profissional com facilidade;

=> não há ascensão em função da idade, nem garantias trabalhistas; portanto, não há como vislumbrar uma "carreira" para o profissional de ginástica nas grandes academias do Rio de Janeiro (no "mundo do *fitness*"), onde essa profissão não passa de uma ocupação;

=> dos profissionais entrevistados, Paula não gostaria de ser vista como "*objeto*", Bruno não gostaria de ser visto como "*recreador*" e João gostaria de ser visto com "*mais respeito*". Davi, por sua vez, sente-se agente de transformação da imagem daquele profissional (professor de educação física) que se impunha mais pelo corpo e menos por conhecimentos de ordem intelectual. Logo, no discurso dos informantes existe um ponto nevralgico situado na desvalorização do profissional de ginástica enquanto sujeito.¹¹

Não se trata aqui de valorizar o argumento da "vitimização" constatado entre alguns informantes, mas de entender a questão dentro de um contexto histórico concreto, onde a constituição do sujeito-objeto organiza ou reorganiza permanentemente o espaço das relações cotidianas de trabalho.

A divisão sexual do trabalho tende hoje a privilegiar o profissional do sexo masculino nas grandes academias de ginástica (principalmente na "ginástica localizada"), e a preservar o equilíbrio entre o emprego feminino e masculino nas pequenas academias.

É certo, no entanto, que o patriarcado funda a ginástica rítmica em academia enquanto prática estritamente feminina - na passagem da mulher da esfera do privado para o público -, e é a queda do patriarcado que justifica a tendência de inversão que se constata nas grandes

academias atuais. Sendo assim, atualmente, conclui-se que a hegemonia da mulher praticante concorre de forma determinante para a valorização do "profissional/objeto", o que implica desvalorização do "profissional/sujeito".

Contudo, é preciso relativizar essa conclusão, a partir de outras duas. A primeira refere-se à existência de duas realidades polares de academias de ginástica: as menores, com relações mais pessoais, e as maiores, mais impessoais nas relações ou mais voltadas para o mundo dos negócios. A segunda diz respeito ao núcleo central da representação social, mostrando que o profissional de ginástica em qualquer academia, independentemente do seu porte, deve ter uma formação como a do professor de educação física.

Assim, a valorização do profissional/objeto, podendo ser periférica, não garante a transformação do núcleo central da representação social no sentido vigente nos dias de hoje nas grandes academias de ginástica do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, por esse sistema de exclusão (no sentido de Foucault), o grupo excluído, de professores de ginástica/educação física, é historicamente constituído: apóia-se sobre um suporte institucional, põe em jogo o poder e o desejo, e é reforçado e reconduzido por todo um conjunto de práticas. Isso faz com que se reconsiderem algumas atitudes - práticas -, de modo que a relação sujeito/objeto possa ser pensada como forma de tornar frágil esse sistema de exclusão, contribuindo na constituição de uma educação física mais consciente.

SUGESTÕES

Estou tendo a oportunidade de colocar em prática um projeto que venho denominando de "escola de ginástica na escola", como poderia denominá-lo de "academia de ginástica na escola", enunciado que não me agrada, porque, segundo meu entendimento, ginástica pode ser educação física (no sentido crítico e ético da disciplina, e voltada para a produção de conhecimento no campo do movimento humano) independentemente de "ser" na escola, no esporte ou - no lazer - na academia.

Uma outra sugestão se refere à regulamentação da profissão de professor de ginástica/ educação física em academia. A relação oferta/ procura de profissionais de ginástica favorece os acordos informais, úteis aos dirigentes.

Esse trabalho está acontecendo numa escola estadual de 2º grau em que sou lotado como professor de educação física, utilizando parte da minha carga horária com aulas de ginástica com música no auditório - que, com o auxílio da direção, foi adaptado, colocando-se espelho na parede. A ginástica está sendo oferecida como atividade extraclasse e a receptividade é tanta que não está sendo possível atender a todos os alunos interessados (da mesma forma que nas academias, as alunas são maioria).

Esse exemplo serve para postular que a "crise de identidade" da educação física pode se encontrar, em parte, no equívoco "educação física, esporte e lazer". Quando se observa o movimento corporal - a ginástica - na escola, no esporte ou no lazer, se crê que pertence à disciplina "educação física", podendo inscrever-se em certo horizonte teórico: aquele que valoriza a crítica e a criatividade, que possui suportes biológicos, humanos e técnico-pedagógicos (educacionais).

Portanto, a partir da ginástica ou retornando à ginástica, questionando a minha vontade de verdade, a primeira sugestão seria (no sentido de Foucault) a de restituir ao discurso da educação física seu caráter de acontecimento, suspendendo, enfim, a soberania do significante. Eis, portanto, o projeto de pensar em educação física *na escola, no esporte e no lazer*, articuladas entre si e segundo a ótica da educação permanente.

Uma segunda sugestão, esta aos profissionais de ginástica e aos proprietários das academias, em especial as de grande porte, seria a de valorizar a comunicação crítica, o conhecimento adquirido na interação através da linguagem (na troca de experiências, de vivências), favorecendo o trabalho interdisciplinar e o crescimento profissional (a nível pessoal e institucional). Assim, poderia haver uma melhor orientação - com mais conteúdo - do aluno dentro da academia, articulando de forma adequada departamento médico, avaliação diagnóstica (funcional) e práticas que sejam complementares: propor em seminário com dirigentes, coordenadores e professores, a discussão da política e das propostas

de ensino da academia; propor minicursos/oficinas aos professores e, entre os professores, sistematicamente.

Na mesma linha de raciocínio crítico, é a oportunidade do profissional de ginástica fazer valer sua singularidade e criatividade, não se prendendo rigidamente aos padrões determinados pela *mídia*, pelo mundo dos negócios, pelos modismos; em certo sentido, é resgatar parte dos princípios da "ginástica total" e atuar com o *norte* do horizonte teórico da disciplina educação física.

Uma outra sugestão se refere à regulamentação da profissão de professor de ginástica/educação física em academia. A relação oferta/procura de profissionais de ginástica favorece os acordos informais, úteis aos dirigentes. Sendo assim, esses profissionais são co-responsáveis pela situação informal e assistemática desse campo de ação, e deles dependem as ações e propostas de regulamentação.

Já se observam movimentos nessa direção. Entretanto, no meu entender, o mais importante: se esses movimentos são para regulamentar o "dever ser" de um professor de educação física, é preciso que, antes de tudo, os profissionais de ginástica justifiquem na prática a necessidade de uma formação a nível de 3º grau.

Assim, portanto, faria algumas sugestões aos cursos de formação do professor de educação física:

=> incluir a disciplina "ginástica em academia";

=> ampliar o debate iniciado neste estudo, aprofundando as reflexões junto aos graduandos;

=> através de novas investigações, alargar o campo de compreensão dos acontecimentos discursivos, descobrindo novas camadas, mais superficiais ou mais profundas;

=> adaptar o currículo às demandas, expectativas e exigências do mercado, bem como às expectativas dos próprios graduandos;

=> propiciar conhecimento objetivo da realidade das academias, através de seminários

(procedimentos práticos), com a participação ou não de profissionais bem-sucedidos nas grandes, médias e pequenas academias.

Sugiro às escolas, principalmente de 2º grau, criarem espaço adequado e horários extraclasse para a prática da ginástica, com possibilidade de estender essa prática à comunidade.

Sugiro aos programas de pós-graduação em educação física abrirem linha de pesquisa sobre as novas exigências de formação do professor de educação física no lazer.

Por fim, inspirado no texto de Hymes (1979: 54), sugiro à imaginação de cada leitor:

Bruce Lee jamais se prendia a um conjunto de técnicas de forma repetitiva. Ele sempre parava para avaliar e fazer correções de acordo com as exigências da situação. Ele não permitia nunca que o adversário determinasse suas ações. Pelo contrário, forçava-o a reagir em função das suas, parando frequentemente para reajustar e reformular sua maneira de se reaproximar...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRIC, Jean-Claude (1994). L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: Christian, G. *Structures et transformations des représentations sociales - Textes de base en sciences sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- AVELLAR, C. M. C. C. (1994). *A consciência dos usuários de academias eficientes e eficazes quanto aos aspectos anátomo-fisiológicos e afetivo-sociais*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF.
- BAKHTIN, M. (1995). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC.
- BARBANTI, V. J. & GUISELINI, M. A. (1993). *Fitness: manual do instrutor*. São Paulo: CLR Balieiro.
- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BETTI, M. (1996). Por uma teoria da prática. *Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física*. Rio de Janeiro: UGF. v. 3, n. 2: p. 73-127.
- BOUDON, R. (1995). *Tratado de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. (1987). *Politeness some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University.
- CAPINUSSÚ, J. M. (1987). As novas perspectivas das academias. In: Tubino, M. J. G. & Costa, V. L. de M. *Homo sportivus* - v. 4. Rio de Janeiro: Palestra, p. 54-61.
- CAPINUSSÚ, J. M. & DACOSTA, L. P. (1989). *Administração e marketing nas academias de ginástica*. São Paulo: Ibrasa.
- CARVALHO, S. (1994). *Hora da ginástica: resgate da obra do prof. Oswaldo Diniz Magalhães*. Santa Maria: UFSM.
- CICOUREL, A. (1990). Teoria e método em pesquisa de campo. In: Guimarães, A. Z. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. p. 87-121.
- COELHO FILHO, C. A. de A. (1997). Competências básicas necessárias ao profissional de ginástica em academia. In: Costa, V. L. de M. *Formação profissional universitária em educação física*. Rio de Janeiro: UGF. p. 127-160.
- COELHO FILHO, C. A. de A. & VOTRE, S. J. (1997). Representação profissional e social de gênero em ginástica de academia. In: Votré, S. J. *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: UGF. p. 159-172.
- COSTA, V. L. de M. (1992). *A andragogia e a formação universitária do profissional de educação física*. (Tese de Livre-Docência). Rio de Janeiro: UGF.
- COSTA, V. L. de M. & PASSOS K. C. M. (1995). Animadores de atividades de lazer: características e qualificações. *Revista Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física*. Rio de Janeiro: UGF. AnoII, n.4: p. 64-68.
- COULON, A. (1995a). *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (1995b). *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes.
- COULTHARD, M. (1991). *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática.
- COURTINE, J.-J. (1995). Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: Bernuzzi, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 81-114.
- DACOSTA, L. P. & ANDRADE FILHO, A. C. B.

- (1987). Perfil preliminar do usuário de academias de ginástica. In: Tubino, M. J. G. & Costa, V. L. de M. *Homo sportivus* - v. 4. Rio de Janeiro: Palestra, p. 72-78.
- DUCROT, O. (1972). *Dizer e não dizer: princípios da semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- DUMAZEDIER, J. (1994). *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel - SESC.
- DURKHEIM, E. (1978). *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores).
- FEIJÓ, O. G. (1994). Corpo e movimento: uma psicologia para o esporte. In: Dantas, E. H. M. *Pen-sando o corpo e o movimento*. Rio de Janeiro: Shape, p. 9-30.
- FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- FURTADO, E. S. (1997). Terceira idade: enfoques múltiplos. *Motus Corporis: Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física*. Rio de Janeiro: UGF v. 4, n. 2: p. 121-147.
- GARFINKEL, H. (1967). *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press.
- GEERTZ, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- GOFFMAN, E. (1975). *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, E. (1980). A elaboração da face. Urna análise dos elementos rituais da interação social. In: Figueira, S. *Psicanálise e ciencias sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. p. 76-114.
- GUIMARÃES, A. Z. (org.) (1990). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- HYMES, J. (1979). *O zen nas artes marciais*. São Paulo: Pensamento.
- JODELET, D. (1989). *Representations sociales: un domaine en expansion*. Paris: PUF.
- LACERDA, Y. (1995). *Atividades corporais. O alternativo e o suave na educação física*. Rio de Janeiro: Sprint.
- LEFEBVRE, H. (1983). *La presencia y la ausencia - contribución a la teoría de las representaciones*. México: Fondo de Cultura Económica.
- _____. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática.
- MAINGUENEAU, D. (1993). *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes/ UNICAMP.
- MARCELINO, N. C. (1995). *Lazer e educação*. São Paulo: Papirus.
- MONTEIRO, M. (1990). *Mulher, profissão mulher*. Petrópolis: Vozes.
- MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- NOVAES, J. da S. (1991). *Ginástica em academia no Rio de Janeiro. Uma perspectiva histórico-descritiva*. Rio de Janeiro: Sprint.
- PACHECO PEREIRA, G. B. (1996). *Ginástica de academia: potência de ser e equilíbrio pessoal*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UGF.
- PASTORA DE ARAÚJO, M. (1977). *Expectativas e percepções dos supervisores educacionais e expectativas dos diretores técnicos relativas às funções dos supervisores educacionais das academias de educação física e desportos*. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ.
- PÊCHEUX, M. (1990). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- _____. (1995). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP.
- PICHON-RIVIÈRE, E. (1995). *Teoria do Vínculo*. São Paulo: Martins Fontes.
- PORTER, R. (1992). História do corpo. In: Burke, P. *A escrita da história*. São Paulo: UNESP. p. 291-326.
- PROST, A. (1992). Fronteiras e espaços do privado. In: *História da vida privada* - v. 5. São Paulo: Companhia das Letras.
- SÁ, C. P. de (org.) (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.
- SCHILLER, F. (1991). *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. São Paulo: EPU.
- SPINK, M. J. (org.) (1993). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- TUBINO, M. J. G. (1980). *Metodologia científica do treinamento desportivo*. São Paulo: IBRASA.
- VOTRE, S. J. (1997). Alternativas teóricas e metodológicas de análise do discurso da representação social da mulher na educação física, no esporte e no lazer. In: Votré, S. J. *A representação social da mulher na educação física e no esporte*. Rio de Janeiro: UGF. p. 11-60.

VOTRE, S. J. et alii (1993). *Pesquisa em educação física*. Vitória: UFES.

NOTAS

¹Utilizei como fonte uma entrevista com a professora Yara Vaz, publicada no jornal *O Globo* de 03/04/97.

²Jornal *O Globo*, 19/10/97.

Tb.

⁴Para maiores esclarecimentos ver Capinussú (1987), que desenvolveu estudo junto a um grupo de professores de educação física, dividido em dois subgrupos: proprietários de academias especializadas numa só atividade e proprietários de academias que ofereciam atividades variadas.

⁵Que está relacionada à gênese da ginástica em academia no Rio de Janeiro. O que se pode constatar é que as mulheres contribuíram decisivamente no sentido de fazer com que a ginástica aparecesse e se tornasse forte nas academias, e os homens entraram depois.

⁶Não é só um lugar, é uma idéia de academia, é um "mundo do *fitness*".

⁷Entende-se aqui publicidade como forma de divulgação de produtos e serviços, através de anúncios geralmente pagos, com objetivos comerciais.

⁸Lacerda (1995) e Pacheco Pereira (1996).

⁹Pacheco Pereira (1996: 121) e Coelho Filho (1997: 137).

¹⁰Betti (1996: 112).

¹¹Nomes fictícios.

UNITERMOS

Ginástica; lazer; gênero; representações.

**Carlos Alberto de Andrade Coelho Filho, professor do Instituto de Educação Física da Universidade Gama Filho (UGF). Este artigo fundamenta-se na minha dissertação de mestrado, sob orientação do Prof Dr. Sebastião Josué Votré, apresentada ao PPGEF/UGF(1998).*